

Ponto de situação dos estudos de lusitanística na Universidade de Barcelona¹

Elena Losada Soler / Pere Comellas
Universitat de Barcelona
losada@ub.edu / perecomellas@ub.edu

1. Breve história dos estudos de português na Universidade de Barcelona

A história do ensino do português na Universidade de Barcelona começou em 1953, quando o Instituto de Alta Cultura de Portugal enviou o seu primeiro leitor. A surpresa, porém, foi maiúscula quando, por causa da comemoração dos cinquenta anos desse leitorado, andamos a pesquisar no arquivo da universidade à procura de algum documento que confirmasse essa data: não apareceu papel nenhum em parte nenhuma. Este estranho facto situa os primórdios do lusitanismo em Barcelona num nevoeiro lendário que não é mau para a língua de Pessoa e de D. Sebastião.

Ultrapassada a fase do primeiro leitor desconhecido e já por volta de 1965 os professores mais velhos da Faculdade recordam um Dr. Fragoso que dava aulas de língua portuguesa, presumivelmente como leitor, e tratava aos alunos por “meus queridos pupilos”. Os primeiros documentos, que fazem avançar os nossos estudos da fase mítica para a história escrita, aparecem em 1968 com a chegada à nossa Faculdade do Prof. Basilio Losada, que começou nesse ano a lecionar literatura galega e literatura portuguesa. Desde então os estudos (documentados) de lusitanística na Universidade de Barcelona correram paralelos aos estudos de galego, circunstância que ainda hoje se dá: as até há pouco duas licenciaturas de Filologia Galega e Filologia Portuguesa – hoje já estudos galegos e estudos portugueses no marco do Grau de Línguas e Literaturas Modernas – fazem parte de uma mesma secção chamada “Secció de Filologies Gallega i Portuguesa”, integrada no Departamento de Filologia Românica.

¹ Para mais informação ver <http://www.ub.es/filgalport>

Durante os primeiros anos de funcionamento, as poucas cadeiras de galego e português que havia foram apenas disciplinas de opção no conjunto do Departamento de Filologia Românica. Em 1981, na sequência de uma das inumeráveis mudanças de plano de estudos pelas quais a Faculdade tem passado, os estudos de galego e de português, ainda juntos, passaram a ser uma licenciatura autónoma, ao nível do francês ou do italiano, inserida no Departamento de Filologia Românica sob o título de “Licenciatura em Filologia Galaico-Portuguesa”. Tratava-se de um programa misto de língua, literatura e cultura galega e portuguesa num curso de cinco anos.

Em 1994, a maior mudança registada até o atual processo de Bolonha (Espaço Europeu de Ensino Superior) separou o galego e o português em duas áreas de conhecimento diferentes e deu azo à criação de duas licenciaturas independentes. Filologia Portuguesa ganhou assim a sua autonomia como licenciatura em quatro anos de estudos de alta especialização com 24 disciplinas semestrais. Esses foram os anos dourados dos estudos de português em Barcelona, quando, por exemplo, atingimos no ano 1998-1999 o número de 911 inscrições nas nossas cadeiras. Trata-se de números de inscrição, não de número de alunos porque o mesmo aluno está habitualmente inscrito em várias cadeiras. Esse foi o pico mais alto; nos anos seguintes fomos progressivamente atingidos pela queda da natalidade que, em toda a Espanha, afetou gravemente os estudos de letras em geral e os filológicos em particular. Em 2001, uma nova reformulação do plano de estudos deixou-nos reduzidos – mantendo, porém, 22 disciplinas – a ser uma licenciatura de segundo ciclo que os alunos faziam em dois anos, procedentes de um primeiro ciclo prévio de qualquer outra filologia, situação que nos prejudicou, porque é difícil um aluno mudar o rumo dos seus estudos depois de dois anos.

Com as novas diretrizes do Espaço Europeu de Ensino Superior os estudos de português passaram a fazer parte de uma graduação em línguas e literaturas modernas junto com os de galego, inglês, alemão, árabe, catalão, espanhol, francês, grego, hebreu, italiano, latim, polaco e russo.

2. O que foi até agora o plano de estudos de português em Barcelona

É este um momento de transição. Os alunos que começaram a licenciatura em filologia portuguesa ainda podem acabar o seu curso

com esse título, mas os novos alunos já entraram no novo plano que volta a um título mais generalista. Entretanto, vamos fazer uma descrição do que foi até agora a licenciatura e depois um rascunho do que vai ser o novo grau em Línguas e Literaturas Modernas, do que faz parte também o português.

Na licenciatura, as nossas 22 cadeiras dividiam-se em primeiro lugar em obrigatórias e de opção. As de opção estavam abertas para todos os alunos, as obrigatórias podiam ser também cursadas pelos alunos de Filologia Românica. As cadeiras obrigatórias eram: *Língua Portuguesa I, II e III* (três níveis de língua instrumental), *Gramática Portuguesa I e II* (estudo aprofundado de fonologia, morfologia e sintaxe portuguesas), *Literatura I, II, III, IV, V, VI e VII* (as seis primeiras dedicadas ao estudo da literatura portuguesa em ordem cronológica decrescente, a *Literatura VII* era especificamente literatura brasileira), *História da Língua I e II* (história externa da língua e gramática histórica), *A Lusofonia: variantes do português* (variação linguística do português), e *História e Cultura Portuguesas I e II*.

Em Espanha é o Ministerio de Educación quem fixa o número e descrição básica das matérias obrigatórias para cada licenciatura e estas devem ser iguais em todas as universidades que a ofereçam. É por isso que a nossa margem de intervenção no que diz respeito às disciplinas obrigatórias era mínima. O esquema prefixado incluía três níveis de língua instrumental, dois de reflexão gramatical, dois de história da língua, dois de história e cultura e seis de literatura (entendida como história literária e com uma perspectiva cronológica). Os programas dessas disciplinas podiam ser ligeiramente modificados de dois em dois anos mas nunca serem radicalmente alterados; não podíamos, por exemplo, reduzir o número das literaturas e aumentar o das cadeiras de cultura.

As três disciplinas de língua instrumental pretendiam habilitar o aluno para uma competência alta, ativa e passiva, no domínio das estruturas comunicativas da língua portuguesa. Dada a proximidade do catalão e do castelhano com o português, esses três semestres deviam bastar para conseguir este objetivo. Dado que na nossa equipa docente temos professores nativos (encarregados do ensino da língua instrumental) de ambas as variantes portuguesa e brasileira, os alunos estudavam nesses três semestres as duas normas. Consideramos (e provam-no mais de dez anos dessa experiência) que, ao invés de introduzir fatores de confusão, como se poderia recear, esse facto enriquece os seus estudos. A cadeira *A Lusofonia: variantes do*

português vinha reforçar essa visão plural da língua e complementava do ponto de vista teórico o que já observaram nas *Línguas I, II e III*. É importante frisar também que nós não somos uma escola de línguas e sim uma Faculdade de Filologia que ainda mantém esse nome; isso quer dizer que a nossa “língua instrumental” não é puramente oral ou comunicativa, senão mais voltada para seus futuros usos filológicos.

As *Gramáticas I e II* eram cadeiras de reflexão teórica sobre a língua, fundamentalmente fonologia, morfologia e sintaxe, pensando sempre que os alunos não são falantes nativos de português. Eram lecionadas por professores espanhóis com experiência de investigação nessas áreas e pelo nosso colega brasileiro. A *História da Língua I* era lecionada em colaboração com os nossos colegas de Filologia Galega e, como a *História da Língua II*, já especificamente portuguesa, continha história externa da língua e também gramática histórica.

O programa da *História e Cultura Portuguesas I* tinha, como primeiro ponto, umas notas de geografia física e humana de Portugal. Depois expunha uma visão do Portugal estritamente contemporâneo: instituições políticas e sociais, *media*, etc., e finalmente retrocedia até o período medieval para explicar a fundação da nacionalidade e dos grandes mitos coletivos. *História e Cultura Portuguesa II* partia da Expansão e chegava até ao 25 de Abril, analisando não apenas o devir histórico mas também elementos culturais essenciais, como o Sebastianismo ou as diversas formas da União Ibérica.

Das nossas sete disciplinas de literatura (as seis marcadas pelo Ministério mais uma implantada pela Universidade de Barcelona, dedicada ao estudo da literatura brasileira), seis eram dedicadas, como já foi dito, ao estudo cronológico da literatura portuguesa em ordem descendente (da contemporaneidade ao mundo medieval). A razão pela qual no ano 2000 invertemos a ordem cronológica habitual foi nos adaptarmos ao que era comum nas outras especialidades de Filologia depois de comprovar o claro pendor dos nossos alunos para os estudos contemporâneos.

Na *Literatura I* (s. XX), os autores estudados eram Fernando Pessoa, Miguel Torga, Carlos de Oliveira, Vergílio Ferreira, e José Saramago. Dava-se também relevo aos ecos das guerras de África na atual narrativa portuguesa. A *Literatura II* era o estudo da Geração de 70, fundamentalmente Antero de Quental e Eça Queirós. Incluía-se também referências a Cesário Verde, às estéticas finisseculares: Simbolismo, Neorromantismo, etc., e ao Saudosismo. A *Literatura III*

correspondia ao século XVIII e ao Romantismo: Verney, a Arcádia, o Cavaleiro de Oliveira, Bocage, Almeida Garrett e Camilo Castelo Branco. A *Literatura IV* dedicava-se a diversos aspectos literários e culturais do Barroco português: a literatura de viagens (especialmente a *Peregrinação*), a poesia barroca, e o Pe. António Vieira. O programa da *Literatura V* tratava o Renascimento: Gil Vicente, *Menina e Moça* e Camões épico e lírico. A *Literatura VI*, às vezes lecionada em colaboração com os nossos colegas de Filologia Galega, era medieval e continha o estudo da lírica profana e religiosa, dos principais cronistas portugueses e do *Cancioneiro* de Garcia de Resende. A *Literatura VII* (brasileira) era um panorama cronológico desde a *Carta* de Pêro Vaz de Caminha até a contemporaneidade. Os autores mais focados foram Machado de Assis, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Guimarães Rosa e Clarice Lispector.

Nestas cadeiras obrigatórias, todas elas lecionadas em português, a norma linguística era escolhida pelo professor, sendo maioritária a europeia.

Nas cadeiras de opção, em brutal contraste com as obrigatórias, a flexibilidade era total. A programação era feita bianualmente e a rotação, constante; apenas cadeiras de seguro sucesso entre os alunos, como *Fernando Pessoa e os Modernismos* têm sido lecionadas sem interrupção nos últimos dez anos. A criação de cada nova cadeira de opção era decidida por todos nós em reunião e a fixação do programa atribuída ao professor encarregado dela.

Durante os últimos anos algumas das disciplinas de opção programadas foram as seguintes:

Literatura e música no Brasil: Macunaíma como rapsódia (Mário de Andrade e Heitor Villa-Lobos). Malandro e malandragem na literatura e na música. Da "antropofagia" dos anos 20, da "estadonovização" dos anos 30, do "bossanovismo" dos anos 50 e do "tropicalismo" dos anos 60. A construção de um cancionero: o "centão" brasileiro.

Literatura de guerra: Portugal e o século XX: Jorge de Sena e a Guerra Civil espanhola. Análise do contexto histórico das guerras coloniais. António Lobo Antunes, João de Melo, Manuel Alegre, etc.

Fernando Pessoa e os Modernismos: Introdução à leitura de Fernando Pessoa. A Heteronímia. Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos. Relação com as vanguardas europeias. O *Livro do Desassossego*, *Mensagem*. Pessoa em Espanha.

A voz feminina nas literaturas lusófonas: Questões prévias de ginocrítica. Mariana revisitada nas *Novas Cartas Portuguesas* e na poesia de Adília Lopes. Teolinda Gersão, Clarice Lispector, Patrícia Melo, Paulina Chiziane.

Literaturas africanas de expressão portuguesa: Introdução à realidade histórico-cultural dos PALOP. Literatura angolana: Agostinho Neto, Luandino Vieira, Pepetela, Duarte de Carvalho, José Eduardo Agualusa. Literatura cabo-verdiana: Germano Almeida. Literatura moçambicana: de Noémia de Sousa a Mia Couto.

Técnicas editoriais e tradução literária do português ao castelhano/catalão: Tratava-se de uma disciplina prática e profissionalizante. Visava a correção e preparação de textos e incluía, depois da exposição prévia de questões de teoria da tradução literária e dos problemas específicos da tradução entre línguas próximas, muitas práticas a serem realizadas pelos alunos.

A cultura portuguesa na época da expansão ultramarina: Estudo dos três espaços da expansão colonial portuguesa (Oriente, Brasil, África) a partir dos documentos, literários ou não, que a testemunharam.

Junto com as aulas na nossa licenciatura oferecemos também seminários nos programas de Doutoramento (em Espanha não existem os mestrados mas o doutoramento tinha uma parte curricular) do Departamento de Filologia Românica. Esta atividade permitiu-nos, como tem acontecido nos últimos anos, orientar teses e acompanhar os nossos alunos no início da sua carreira investigadora.

Quanto aos alunos de licenciatura, até agora os cursos de estudos portugueses na Universidade de Barcelona tinham fundamentalmente dois tipos: aqueles que cursaram completamente a licenciatura em Filologia Portuguesa e os que escolheram como cadeiras de opção uma ou várias das nossas disciplinas. Durante o período 1994-2006 a média anual de licenciados em português foi de 12 estudantes, embora, durante os últimos anos, se venha observando uma queda nesse número.

3. Os estudos portugueses do futuro na Universidade de Barcelona: o novo grau de línguas e literaturas modernas

Confluem neste momento vários fatores que provocam nos nossos estudos grandes mudanças. Temos de um lado o Espaço

Europeu de Educação Superior, mas também uma tendência crescente para a construção de uma universidade quase que exclusivamente profissionalizadora, tendência à que provavelmente contribui uma certa deriva da mentalidade social que provoca certa posposição dos estudos humanísticos frente aos técnicos. Além disso, os estudos linguísticos e literários na nossa universidade sofreram até agora uma muito considerável especialização – se quiserem, dispersão – que os levou a ter um grande número de títulos, agora reduzidos. Assim, o novo plano reúne várias titulações específicas sob o grau mais geral de Línguas e Literaturas Modernas.

O Grau de Línguas e Literaturas Modernas conta com dois tipos de percurso: monolíngue ou bilíngue. Só os estudos de alemão, francês e italiano oferecem o grau monolíngue, enquanto o resto de opções, entre elas o português, fazem parte de cursos bilíngues. Além disso, catalão, inglês e espanhol podem constituir uma das duas línguas dos percursos bilíngues, mas têm também o seu próprio grau, independente do grau de Línguas e Literaturas Modernas.

Outra característica além da concentração de titulações é uma certa volta à rigidez. Se a licenciatura permitia uma grande flexibilidade na escolha de disciplinas optativas e de livre eleição, o novo plano é muito mais restritivo. A escassa optatividade não é completamente aberta, mas restrita a matérias da faculdade. Há também alguma restrição quanto aos pares de línguas que podem constituir o percurso bilíngue. Assim, as línguas A e B podem ser quaisquer das indicadas acima, exceto galego e português, árabe e hebreu, e grego e latim. Finalmente, é também muito mais rígida do que já foi a organização por períodos das diferentes matérias. As cadeiras voltam a ter, com já tiveram antigamente, uma situação muito mais precisa em termos de semestres e de anos.

O novo programa de estudos portugueses é, de facto, uma concentração do antigo programa de licenciatura. Tentou-se na definição das novas matérias conservar tudo quanto era possível os nossos conteúdos, apesar de termos algo menos de créditos de docência. O que oferecemos no grau de Línguas e Literaturas Modernas quanto a estudos portugueses é o seguinte:

a) Língua instrumental: 24 créditos, divididos em quatro cadeiras semestrais. A primeira, Introdução à Língua Portuguesa, tem alguma especificidade, porquanto não é simplesmente um primeiro nível, mas também uma apresentação geral da língua, porque está

previsto que seja frequentada não apenas pelos alunos que vão seguir um grau bilíngue que inclui o português, mas também os que, tendo escolhido um grau monolíngue ou um grau bilíngue que exclui o português, a escolhem como terceira língua. Os restantes 18 créditos correspondem a Língua Portuguesa I, Língua Portuguesa II e Língua Portuguesa III. Como já fazíamos na licenciatura, damos às nossas cadeiras de língua uma orientação nem tanto de tipo comunicativo mas relacionada com a reflexão linguística e gramatical e com o futuro estudo da literatura.

b) Reflexão linguística e gramatical: 18 créditos que tencionam aglutinar os conteúdos das antigas gramáticas, da história da língua, do estudos da variação e de alguns aspetos como a edição e a tradução de textos. Oferece-se em três disciplinas:

-Norma e Variação do Português: inclui reflexão gramatical duma perspectiva contrastiva tanto interlinguística quanto intralinguística, isto é, do padrão português com respeito às línguas românicas vizinhas e das próprias variedades do português, nomeadamente a comparação entre as europeias e as americanas.

-Edição de Textos Portugueses: recolhe aspetos diacrónicos (a evolução da língua portuguesa através dos textos) e sincrónicos (o tratamento do padrão: revisão, convenções, etc.).

-Tradução Literária do Português e do Galego: trata-se de uma disciplina partilhada com os estudos galegos, de orientação teórico-prática, que explora os problemas específicos da tradução literária entre línguas próximas.

c) Estudos literários: 54 créditos, que visam oferecer um conhecimento geral das literaturas em português mas focalizando os períodos mais ricos, originais ou de maior impacto na literatura universal. Estruturam-se nas disciplinas seguintes:

-Introdução à Literatura Portuguesa: uma panorâmica geral da literatura portuguesa. Da mesma forma que a introdução a língua, trata-se de oferecer uma introdução para quem vai seguir estudos portugueses e uma visão de conjunto para os que escolheram o português como terceira língua no quadro do grau.

-Literatura Medieval Galaico-portuguesa: partilhada também com os estudos galegos, estuda os inícios da literatura: a lírica medieval, as crónicas, etc.

-A Experiência da Viagem: Camões e o Renascimento: estudo de um dos mais ricos e originais períodos da cultura portuguesa, a época das viagens, na que o contributo português para a cultura europeia é enorme e com frequência negligenciado, e que conta com um dos grandes clássicos, emblema de Portugal: Camões.

-Burguesia e literatura: Eça de Queirós e o Realismo em Portugal: a segunda parte do século XIX representa também uma época fundamental para a compreensão da literatura e da cultura portuguesas. Os autores desse período, e fundamentalmente Eça, estabelecem os alicerces da cultura portuguesa contemporânea.

-De Pessoa a Saramago: o século XX português compreende uma riquíssima coleção de obras literárias de altíssima qualidade. A disciplina faz um percurso pelos principais autores.

-Literatura Brasileira: como na licenciatura, achamos fundamental o estudo da literatura produzida no Brasil, de grande tradição com autores como Machado de Assis, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa ou Clarice Lispector.

-Literatura e Género em Galiza, Portugal e o Brasil: achamos que uma visão mais complexa da literatura contemporânea era necessária e podia ser feita através dos estudos de género comparativos. Trata-se de uma disciplina também partilhada com os estudos galegos e que salienta o pendor para a época contemporânea que já tinha também a licenciatura.

d) O Brasil: finalmente, numa tendência para um maior equilíbrio entre a tradição de estudos voltados fundamentalmente para Portugal e a necessidade de incorporar a realidade brasileira, incluímos também no grau uma disciplina específica de cultura brasileira: Brasil: Aproximação Cultural. Embora a importância quantitativa da literatura portuguesa é ainda bem maior nos nossos estudos do que a brasileira, achamos que é necessário incorporar de forma decidida o mundo brasileiro e todas as suas manifestações.

Embora a presença dos estudos portugueses se focalize sobretudo no grau de Línguas e Literaturas Modernas, também participa em menor medida em outros graus da nossa faculdade. Assim, no grau em Linguística é possível escolher como língua de especialidade o português e cursar todas as disciplinas de língua que oferecemos. Também no grau em Filologia Românica oferecemos as cadeiras de língua instrumental e a Introdução à Literatura Portuguesa, A Experiência da Viagem, Burguesia e Literatura e Literatura Medieval

Galaico-portuguesa. Finalmente, no grau de Estudos Literários oferecemos a Literatura Brasileira.

Desde o ano 1989 participamos nos programas Erasmus, interessantíssimos para nós porque oferecem aos nossos alunos a possibilidade de conviver com todos os elementos que compõem a cultura que estudam. Neste momento temos convênios com a Universidade de Lisboa, com a Universidade Nova de Lisboa e com a Universidade do Algarve.

Como necessário complemento da nossa dedicação docente, desenvolvemos também trabalho de investigação. Dada a nossa condição minoritária, que nos impede formar grandes equipas de pesquisa dedicadas exclusivamente à lusitanística, resolvemos usar uma estratégia paralela que é a de participar desde o nosso campo de estudo nos centros de investigação multidisciplinares — sobre estudos de género, sobre tradutologia, sobre literatura do eu, entre outros — que existem na nossa Faculdade. Assim é como asseguramos a presença do lusitanismo na investigação da Universidade de Barcelona.

Conscientes também de que a difusão do nosso trabalho passa pela sua divulgação junto a um público com interesses culturais muito vivos, que é numeroso na nossa cidade, já há anos que estamos a colaborar com o Club d'Amics de la Unesco e com outras entidades, oferecendo palestras e seminários sobre as culturas lusófonas. Também participamos no mundo editorial através da crítica literária, da apresentação de originais em língua portuguesa às casas editoras e da tradução do português ao catalão ou ao castelhano

4. Perfil dos alunos

No que diz respeito à origem dos nossos estudantes é preciso frisar que em Barcelona a imigração portuguesa sempre foi escassíssima. É de notar que, apesar de abundante e visível a presença de portugueses em Andorra, isto não se traduz numa assistência à Universidade de Barcelona (a toda a Universidade, não apenas aos estudos de português). Desconhecemos a razão. Na nossa licenciatura, em todos estes anos, apenas dois ou três alunos foram lusodescendentes de segunda geração. A imigração angolana ou moçambicana é inapreciável do ponto de vista numérico e não chegou ainda à universidade. A imigração brasileira, pelo contrário, é numerosa, mas a sua presença na universidade é notável apenas nos

estudos de pós-graduação e doutoramento, não assim no nível das licenciaturas, agora grau. Nos últimos anos tivemos alunos brasileiros nos seminários de doutoramento e estamos a orientar suas teses.

Os nossos alunos não têm, pois, na sua imensa maioria, raízes lusófonas. São espanhóis habitualmente bilíngues de castelhano/catalão, o que lhes facilita grandemente a sua aprendizagem da língua portuguesa, especialmente dadas as similitudes fonéticas do português com o catalão. Vale a observação de que nos últimos anos cresceu a presença, nas nossas matérias, de alunos Erasmus, sobretudo italianos (e portugueses, também). As suas motivações de entrada são variadíssimas, algumas lógicas, outras afetivas, outras quase cómicas, muitas de raiz biográfica: uma leitura, uma viagem, um/a namorado/a... Uma questão que é preciso ter em conta é a simpatia que Catalunha sempre sentiu por Portugal; o nacionalismo catalão buscou inspiração no exemplo português, ao ver no pequeno David que venceu Golias um espelho e um projeto.

O horizonte laboral para os alunos da área de português não é fácil nem unívoco. A legislação espanhola prevê a docência do português como língua estrangeira no ensino secundário nas zonas de fronteira. Como é óbvio, esse não é o nosso caso. Até há pouco, apenas num liceu de Barcelona existia uma cadeira de língua portuguesa, fruto da vontade e do entusiasmo do seu professor; e como cadeira de opção, não como alternativa de língua estrangeira. Atualmente o Instituto Camões está a apoiar uma crescente presença do português no ensino médio; nessa política, no período 2009-2010 mandou quatro leitores portugueses para institutos catalães (em Barcelona, Maresme e Seu d'Urgell). Apesar dessas circunstâncias desfavoráveis, o nível de desemprego dos nossos estudantes (talvez por serem poucos e a oferta estar ajustada à demanda) é mais baixo do que em outros cursos. Eles dão aulas nas empresas para executivos que, por razões de uma economia cada vez mais "ibérica", têm trato frequente com Portugal ou preparam cooperantes para estadias de ajuda humanitária em Angola e Moçambique. Mas, de maneira muito relevante e maioritária, trabalham na fortíssima indústria editorial de Barcelona como tradutores, revisores e preparadores de textos para o mercado português. Julgo, porém, que o seu futuro, embora seja mais duro para eles porque significa sair do próprio país, é como professores de espanhol, perfeitamente bilíngues e com um conhecimento aprofundado da cultura de destino, no Brasil, onde a demanda continua a crescer.

Conclusão

Finalmente, no que diz respeito aos problemas atuais do ensino do português na Universidade de Barcelona — para não falarmos já em questões gerais como os novos hábitos audiovisuais dos alunos, as suas consequências na leitura e na escrita, etc. — julgamos serem fundamentalmente a incerteza crónica dos nossos planos de estudo, um sistema que deixa muito pouco espaço à autonomia universitária para a definição dos conteúdos e estrutura dos cursos e a nossa condição de estudos especialmente minoritários num âmbito já socialmente desvalorizado — e esta é uma tristeza maior que não sabemos se alguma vez poderemos inverter — que é o dos estudos de letras.

Não é, porém, o momento de cair no desânimo. Estamos, pelo contrário, a concentrar as nossas forças em conseguir uma presença razoável e flexível nos estudos de graduação e, sobretudo, em não perder a ocasião de participar nos estudos de pós-graduação. Só com um pé — embora pequenino — em todos e cada um dos níveis de ensino poderemos manter a continuidade de uns estudos com mais de cinquenta anos de tradição e que, feitas as contas, cresceram e se fortaleceram desde o lendário leitor que chegou em 1953.